

Estamos prontos

— reafirmação vibrante da população de Tete

Reportagem fotográfica de A. Marrengula

A população da província de Tete manifestou à direcção do Partido Frelimo e do governo moçambicano, na pessoa do seu Presidente, Joaquim Alberto Chissano, a sua enorme repulsa aos bandidos armados e reafirmou a determinação de continuar a combatê-los até ao último homem. Manifestou também a total disponibilidade de utilizar a inteligência, iniciativa e força para vencer a fome que perdura na região sul há mais de cinco anos. Estas convicções foram abertamente demonstradas ao Chefe do Estado durante a sua recente visita àquele ponto central do País e em todas as ocasiões que Chissano teve de trabalhar com o povo de Tete, representado por grupos populacionais de Chitima, Benga, Moatize e cidade capital provincial do mesmo nome. **«Queremos armas», «ajude as estruturas da província a organizar-nos para lutar contra os bandidos, para recuperar»** as regiões de origem e aí se empenharem na produção. Tais foram os únicos pedidos formulados pela população de Tete ao seu líder, numa clara alusão de que, na fase actual, para ela a única prioridade é a guerra, pois terminada esta poder-se-á eliminar, também e progressivamente a fome.

Em algumas ocasiões, como em Chitima e Benga, o Presidente viu-se confrontado com reacções furiosas de gente raivosa que de tanto ter sofrido dos bandidos armados, hoje não suporta ouvir falar ou pronunciar a inicial «ban...» para dizer bandido. E não é sem fundamentos. Muitos moçambicanos perderam seus familiares, filhos, maridos e mulheres e hoje sentem que os únicos familiares que têm é apenas a Frelimo, o Governo da RPM de quem têm recebido algum apoio, que não chega, mas que é suficiente para encorajar a vida, para esperar por um amanhã melhor. Toda essa gente, homens e velhos, crianças e jovens, alimentam hoje um ódio «maior» contra os bandidos e está convencida que só ela pode, por sua iniciativa, esforço e determinação, criar as condições para sair desse flagelo que é a guerra. Entende assim porque também já entendeu que a Frelimo, o Governo não são senão eles próprios. E esta constitui a grande descoberta porque, durante muito tempo, as pessoas ficaram convencidas de que a Frelimo era quem a dirigia, o governo também e que esses governantes eram os «omnipotentes» de

quem se deveria esperar tudo: a comida para matar a fome, o esconderijo contra os BA's, a iniciativa para promover a autodefesa, a roupa para acabar com a nudez...

Os factos mostram agora o contrário. Quem dirige apenas representa-nos a nós na condução dos nossos destinos. Se nos deixamos matar e não reagimos é connosco. Se morremos à fome e não produzimos é connosco. Se não queremos mais morrer como galinhas, se queremos continuar a comer e a vestir também é connosco. Tudo depende de nós. E tal como dependeu de nós libertarmo-nos do colonialismo, hoje continua a depender de nós (e só de nós), vencermos este binómio «guerra/fome». Os apoios podem vir se nos lançarmos decididamente nessa batalha, mas não são decisivos. E a população de Tete disse que **«estamos prontos»** para desencadear a sério, este desafio. E vai vencer, como ontem venceu — encorajou o Presidente.

E. Z.

October 1987
probably 29th or 30th